



*BOLETIM
ECONÔMICO*
NUPE - UNIFOR

Vol. 1, N. 2, junho/2020 #2



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO **NUPE - UNIFOR**

Vol. 1, N. 2, junho/2020 #2

Reitoria

Reitora Fátima Maria Fernandes Veras

Vice-reitoria de Graduação

Henrique Luis do Carmo e Sá

Profa. Danielle Coimbra

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e
Gestão - CCG UNIFOR

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Allisson Martins

Coordenador Curso de Economia UNIFOR / Núcleo de
Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Francisco Alberto Oliveira

Curso de Economia UNIFOR / Coordenador do Núcleo
de Pesquisas Econômicas - UNIFOR

Prof. Maurício Rodrigues

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Nicolino Trompieri

Curso de Economia UNIFOR / Professor

Prof. Ricardo Eleutério

Curso de Economia UNIFOR / Professor

EDIÇÃO

Prof. Wagner Borges

Curso de Jornalismo UNIFOR

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Aldeci Tomaz

Curso de Jornalismo UNIFOR



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza-Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, disponibiliza à sociedade cearense a segunda edição do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho da economia mundial, brasileira e, em especial, do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas – Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Nesta edição, na secção “opinião”, o boletim traz um artigo de autoria do convidado especial, Economista e professor Lauro Chaves Neto, PHD em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, sobre o tema: O Papel e o Financiamento do Estado na Pandemia do Coronavírus. Nos itens subsequentes, disponibiliza uma análise do panorama econômico internacional, já considerando o momento atual da pandemia do coronavírus; o resultado das atividades econômicas do Brasil, e estados selecionados no primeiro trimestre de 2020; e finalizando, um quadro resumo do Comércio Exterior do Brasil e estados selecionados.

Boa Leitura!

Lauro Chaves Neto

Economista e especialista em Administração Contábil e Financeira. Doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona

OPINIÃO: O PAPEL E O FINANCIAMENTO DO ESTADO NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

As consequências sociais e econômicas da combinação da pandemia com a redução da atividade econômica são impactantes para a sociedade e nos afetarão por meses, provavelmente, anos. O Coronavírus já infectou, simultaneamente, a economia e acionou o risco de uma depressão global.

A História nos ensina que as políticas implementadas durante e após a Segunda Guerra Mundial são aquelas denominadas como economia de guerra, quando isso ocorre, o governo centraliza o planejamento econômico com objetivos militares. Nas situações de economia de guerra, os governos são obrigados a dispendir todos os seus recursos no suporte à operação bélica, protegendo a sociedade e defendendo o seu território, além de buscar preservar o bem-estar físico, mental, a solidariedade e o moral da população.

A expressão é retomada após os atentados de 11 de setembro, através de um artigo do economista norte-americano James Kenneth Galbraith. Em seu artigo, ele descreve uma economia de guerra como um conjunto de práticas econômicas aplicadas com o propósito de estabilizar a economia de um país durante um período histórico peculiar, como uma guerra.

Durante a pandemia, os governos têm encarado não só uma elevada demanda por investimentos em saúde pública como também em ajustes econômicos. Já nas empresas, a economia de guerra se refere à adequação de estrutura e processos que permitam sua reconstrução na grande incerteza do cenário pós-crise, paralelamente, as famílias também necessitam fazer profundos ajustes nos seus hábitos de vida e padrões de consumo.

Se, em uma guerra, os governos buscam direcionar os recursos para ajudar na produção de alimentos, roupas, armas e munições; em uma pandemia, esse esforço é feito para, simultaneamente, fortalecer os sistemas de saúde e criar uma rede de proteção social e empresarial.

Entre as medidas extraordinárias, divulgadas durante a pandemia, pode-se citar o aumento de repasses para sistemas de saúde, em vista disso alguns países estão tentando aumentar a produção de equipamentos médico-hospitalares, negociando com indústrias ou mesmo exigindo que produzam outros bens que não aqueles para as quais foram originalmente destinadas. Esse processo, ligado a tempos de exceção, é chamado de reconversão industrial ou reconversão produtiva.

Nas situações de economia de guerra, os governos são obrigados a dispendir todos os seus recursos no suporte à operação bélica, protegendo a sociedade e defendendo o seu território

A ação enérgica do poder público é fundamental, pois o mercado leva um tempo para responder às demandas causadas por um cenário de guerra. Essa demora pode provocar perdas materiais e econômicas alarmantes e, até mesmo, de vidas.

Para financiar essa expansão extraordinária de gastos o orçamento público é insuficiente, sendo necessária por um lado a adequação de instrumentos legais como o Teto de Gastos e a Lei de Responsabilidade Fiscal e por outro lado a emissão de moeda ou a elevação da dívida, já que a elevação da carga tributária é inviável em momentos de retração da atividade econômica.

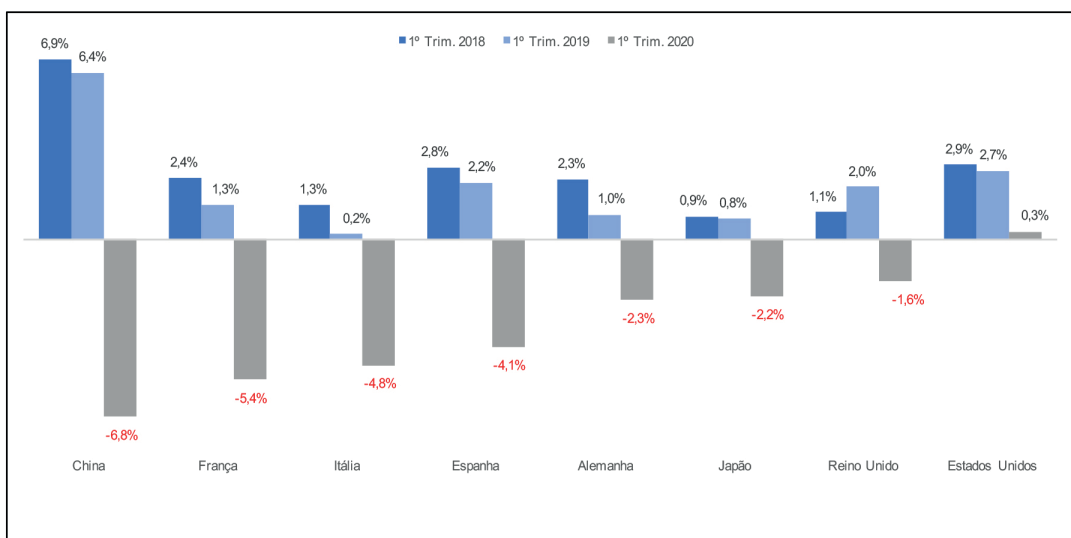
Cabe aos gestores da política econômica avaliar o balanceamento entre estas duas alternativas de financiamento, garantindo que não falem recursos nem para a saúde, nem para as redes de proteção social e empresarial.

1. PANORAMA INTERNACIONAL

O impacto do COVID-19 na economia global provocou uma recessão sem precedentes nos últimos nove séculos, gerando desemprego e inquietação social, principalmente nas camadas mais pobres da população mundial. Conforme relatório da OCDE publicado em junho do corrente ano, se o segundo surto for evitado o PIB mundial deverá cair 6% em 2020, se não, 7.6%. A notícia boa é que os Estados Unidos e China, que são nossos maiores parceiros comerciais terão consideráveis recuperações na atividade econômica, já a partir de 2021, como também os países da zona do euro.

Comparando o primeiro trimestre de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior (Gráfico 1), verifica-se que os principais países do mundo passaram por um momento de forte retração, devido às medidas de isolamento social impostas para a contenção da proliferação do vírus. A China, segunda maior economia do mundo e epicentro do surgimento do vírus, foi o país que registrou a maior contração no 1º trimestre de 2020, passando de um crescimento médio acima de 6,0%, nos dois últimos primeiros trimestres, para uma queda de 6,8%. As economias europeias, também foram severamente afetadas, principalmente a França (-5,4%), Itália (-4,8%) e Espanha (-4,1%), seguidos da Alemanha (-2,3%) e Reino Unido (-1,6%). Os Estados Unidos, maior economia do mundo, sofreu um menor impacto, registrando um leve crescimento de 0,3%. A economia do Japão, mesmo com poucos casos da doença, comparado aos outros países, apresentou uma queda no PIB de 2,2% para o período em análise.

Gráfico 1 – Crescimento no 1º trimestre (%) do Produto Interno Bruto (PIB) – trimestre contra mesmo do ano anterior – Países selecionados – 2018-2020.

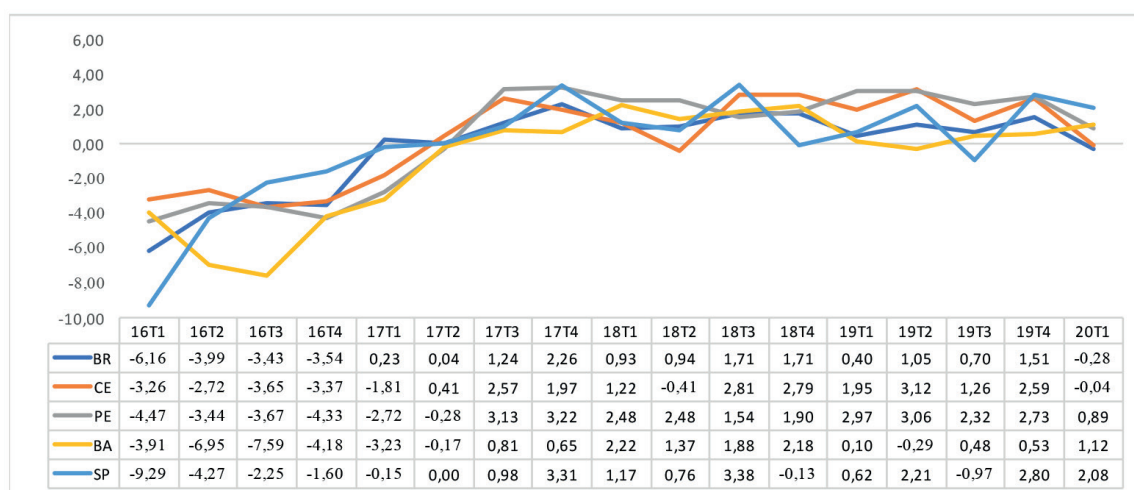


Fonte: OECD. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

2. A ATIVIDADE ECONÔMICA NO BRASIL E ESTADOS SELECIONADOS

De acordo com o índice de Atividade Econômica (IBC) do Banco Central do Brasil (BCB) (Gráfico 2), os Estados analisados e Brasil, desde o terceiro trimestre de 2017, de uma maneira geral, vinham crescendo gradativamente, ainda que se tenha percebido trimestres pontuais com variações negativas. Comparando o primeiro trimestre de 2020 em relação ao mesmo período do ano de 2019, o Brasil registrou uma queda de 0,28%, o Estado do Ceará, -0,04%, enquanto os outros Estados analisados apresentaram crescimentos, com Pernambuco crescendo 0,89%, seguidos da Bahia, 1,12% e São Paulo, 2,08%. Como a maioria dos Estados da federação iniciaram as medidas de isolamento social para o combate da Pandemia causada pelo corona vírus (COVID-19), e praticamente pararam suas atividades produtivas já no final do primeiro trimestre, a diminuição no IBC ainda não foi tão significativa.

Gráfico 2 – Crescimento trimestral (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC) – trimestre contra mesmo do ano anterior – Brasil e Estados selecionados.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

2.1. O Setor Agrícola

Os quatro estados destacados, Ceará, Pernambuco, Bahia e São Paulo, apresentaram bons resultados na produtividade (11,5%, 21,9%, 10,4% e 6,3%, respectivamente) e na produção total (24,6%, 25,1%, 9,9% e 13,9%, respectivamente) nas variações das safras de 2018/2019 para 2019/2020 (Tabela 1). Já nos dados da área produtiva, Pernambuco, com um crescimento de 2,6%, e Bahia, com queda de 0,5%, apresentaram resultados mais modestos. Enquanto Ceará e São Paulo cresceram 11,8% e 7,1%, respectivamente. Nacionalmente houve crescimento de 3,5% na área e 3,7% na produção, mostrando expansão na área produtiva e no total de toneladas produzidas, mas estagnação na produtividade (0,1%), o que pode ser um indicativo que outros estados tiveram perda na produtividade e mantiveram o índice de produtividade nacionalmente estagnada no período de análise.

Notoriamente, o Ceará apresentou grande variação na área, 11,8%, quando comparado com os demais, esse crescimento teve impacto direto na variação da produção. Apesar do bom crescimento do Estado do Ceará, sua produção total ainda representa menos de 8% da produção baiana. A produtividade cearense mostrou uma discrepância em relação à média do Brasil, apesar disso, ao passo que o Ceará cresce, Pernambuco teve variação ainda maior, de 21,9%, e pode vir a ultrapassar os cearenses, em números absolutos.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos – produtos selecionados (*) – safras 2018/19 e 2019/20 (**) – Brasil e Estados selecionados.

Estados Selecionados e Brasil	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
Ceará	872,6	975,4	11,8	593,4	661,5	11,5	517,8	645,2	24,6
Pernambuco	446,3	458,1	2,6	495,0	603,4	21,9	221,0	276,4	25,1
Bahia	3.104,8	3.088,6	-0,5	2.644,0	2.919,8	10,4	8.207,9	9.018,1	9,9
São Paulo	2.174,2	2.329,1	7,1	3.933,0	4.182,2	6,3	8.550,9	9.740,7	13,9
Brasil	63.256,2	65.464,2	3,5	3.827,0	3.832,7	0,1	242.055,6	250.907,1	3,7

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e tritcale (**). São estimativas geradas pelo Conab em maio de 2020.

2.2. O Setor da Indústria

A Indústria geral do Brasil teve uma queda de 1,7%, no primeiro trimestre de 2020, comparado com mesmo período de 2019 (Tabela 2). Alguns estados ainda tiveram variação positiva, como Pernambuco (+5,6%) e Bahia (7,1%), já que as operações ainda estavam ativas para os meses de janeiro, fevereiro e na primeira quinzena de março. A indústria extrativa do Brasil teve uma variação negativa (-5,8%), bem maior que a variação da indústria de transformação (-1,1%). Mesmo que a variação da indústria de transformação não tenha sido expressiva, setores como, Confecção de artigos do vestuário e acessórios, Couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados tiveram variações maiores (-10,9%) e (-9,8%), respectivamente. Para o estado do Ceará a atividade Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis teve destaque com um crescimento de (38,2%) e o setor Outros produtos químicos teve a maior variação negativa (-31,6%).

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção física da indústria, por seções e atividades industriais – 1º trimestre de 2020 – Brasil e Estados selecionados (*)

Seções e atividades industriais (**)	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	São Paulo
Indústrias extrativas	- 5,8	-	-	- 6,9	-
Indústrias de transformação	-1,1	-1,4	5,6	7,9	-2,3
Produtos alimentícios	1,3	7,5	29,7	6,3	- 4,4
Fabricação de bebidas	- 4,3	- 2,3	3,2	- 1,8	- 2,4
Produtos têxteis	- 1,3	- 15,7	3,3	-	- 1,6
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	- 10,9	- 0,3	-	-	- 11,0
Couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	- 9,8	- 9,8	-	-11,2	-
Celulose, papel e produtos de papel	3,0	-	-4,3	18,3	3,2
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	11,3	38,2	-	43,0	-0,8

Outros produtos químicos	0,3	-31,6	4,2	-2,1	3,9
Produtos de borracha e de material plástico	-1,2	-	6,4	-1,4	0,8
Produtos de minerais não-metálicos	-4,8	2,1	2,6	-14,3	-1,4
Metalurgia	-2,2	-14,0	-6,9	-29,3	-2,6
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-1,9	7,5	3,6	-	-5,7
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,8	-2,3	-4,0	-	-2,7
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-9,0	-	-	-7,2	-11,9
Indústria geral	-1,7	-1,4	5,6	7,1	-2,3

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Variação do acumulado de janeiro/2020 a março/2020 em comparação com o acumulado para o mesmo período de 2019. (**) O IBGE não divulga as variações do volume de produção industrial para algumas atividades de determinados estados.

2.3. O Setor de Serviços

De acordo com a Pesquisa Mensal dos Serviços do IBGE, para o Brasil, na comparação do primeiro trimestre de 2020, em relação ao mesmo período do ano anterior, as atividades Serviços prestados às famílias e Serviços profissionais, administrativos e complementares registraram quedas de 10,1% e 2,3%, respectivamente, enquanto as atividades Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio e Serviços de informação e comunicação registraram crescimentos de 0,9% e 0,6%, respectivamente, gerando como resultado final para o total setor de Serviços do Brasil, uma leve queda de 0,1%, de acordo com a Tabela 3.

Em relação aos Estados analisados, apenas São Paulo apresentou resultado positivo para o total dos Serviços, com um leve crescimento de 0,9%, enquanto a maior queda foi registrada para o Estado da Bahia (-6,8%), seguidos de Ceará (-0,7%) e Pernambuco (-0,1%). Dentre as atividades estaduais, destacam-se positivamente as atividades Outros serviços, para São Paulo (+17,3%) e Ceará (13,9%), e Transportes, para Pernambuco (+9,8%) e Ceará (+9,3%). Por outro lado, os piores desempenhos foram registrados para as atividades Serviços prestados às famílias em Pernambuco (-20,3%), Ceará (-13,2%) e São Paulo (12,8%) e Outros serviços na Bahia, com queda de 17,4%.

Tabela 3 - Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades – 1º trimestre de 2020 – Brasil e Estados selecionados (*)

Atividades e Subatividades (**)	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	São Paulo
Serviços prestados às famílias	-10,1	-13,2	-20,3	-9,1	-12,8
Serviços de alojamento e alimentação	-10,6	-	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	-7,5	-	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	0,6	-0,7	0,2	-7,3	3,6
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,1	-	-	-	-
Telecomunicações	-3,2	-	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	9,7	-	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3,2	-	-	-	-

Serviços profissionais, administrativos e complementares	-2,3	-6,6	2,3	-8,0	-4,4
Serviços técnico-profissionais	-1,2	-	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	-2,6	-	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	0,9	9,3	9,8	-3,7	1,3
Transporte terrestre	-3,3	-	-	-	-
Transporte aquaviário	15,6	-	-	-	-
Transporte aéreo	1,6	-	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	4,6	-	-	-	-
Outros serviços	10,9	13,9	-9,5	-17,4	17,3
Total	-0,1	-0,7	-0,1	-6,8	0,9

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Notas: (*) Variação do acumulado de janeiro/2020 a março/2020 em comparação com o acumulado para o mesmo período de 2019. (**) O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

2.3.1. A Atividade do Comércio

Por ser a atividade mais importante do Setor de Serviços, a atividade do Comércio é analisada separadamente por meio da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE. De acordo com a PMC, a variação do acumulado do volume de vendas do comércio varejista nacional, no primeiro trimestre de 2020, em comparação com o mesmo período do ano anterior, apresentou uma alta de 1,6%. A maior queda do Comércio varejista foi apresentada no Ceará (-7,0%) e a maior alta foi registrada no estado de São Paulo (4,0%), conforme a Tabela 4.

Dos estados pesquisados, o Ceará apresentou a pior variação nacional em cinco das dez atividades analisadas: Combustíveis e lubrificantes (-6,4%), Tecidos, vestuário e calçados (-13,4%), Móveis e eletrodomésticos (-14,4%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (-5,4%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-8,6%). O estado de São Paulo obteve a melhor variação nacional em quatro atividades: Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+4,8%), Móveis (+29,8%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+15,4%), e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+2,7%).

Não houve variação no acumulado do volume de vendas do Comércio varejista ampliado, de janeiro a março de 2020 em relação ao mesmo período de 2019. A maior queda do Comércio varejista ampliado foi apresentada na Bahia (-4,6%) e a maior alta ocorreu no Estado de São Paulo (+1,3%). Destaque positivo para o Ceará com duas maiores altas de variação nas subatividades: Veículos, motocicletas, partes e peças (+4,5%) e Material de construção (11,7%). As atividades com piores resultados foram observadas na Bahia e em Pernambuco: Veículos, motocicletas, partes e peças (-12,2%) e Material de construção (-9,7%), respectivamente.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio, atividades e subatividades – 1º trimestre de 2020 – Brasil e Estados selecionados (*)

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia	São Paulo
Comércio varejista	1,6	-7,0	-0,2	-2,3	4,0
Combustíveis e lubrificantes	-3,9	-6,4	0,8	3,2	-4,1
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	4,1	-3,7	-6,2	-0,7	4,8
Hipermercados e supermercados	4,3	-1,0	-3,8	-1,1	5,4
Tecidos, vestuário e calçados	-12,4	-13,4	-7,4	-12,1	-15,0
Móveis e eletrodomésticos	3,6	-14,4	33,0	-3,2	14,2
Móveis	2,6	-20,2	5,0	-8,1	29,8
Eletrodomésticos	3,8	-8,6	44,4	-1,0	9,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	9,1	-5,4	7,0	0,5	15,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	-8,6	8,0	-14,2	-21,3	7,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-14,4	-8,3	3,4	-10,9	-27,6
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,6	-8,6	-2,6	-6,5	2,7
Comércio varejista ampliado	0,0	-2,8	-1,6	-4,6	1,3
Veículos, motocicletas, partes e peças	-3,6	4,5	-3,2	-12,2	-5,8
Material de construção	-2,3	11,7	-9,7	-0,2	0,6

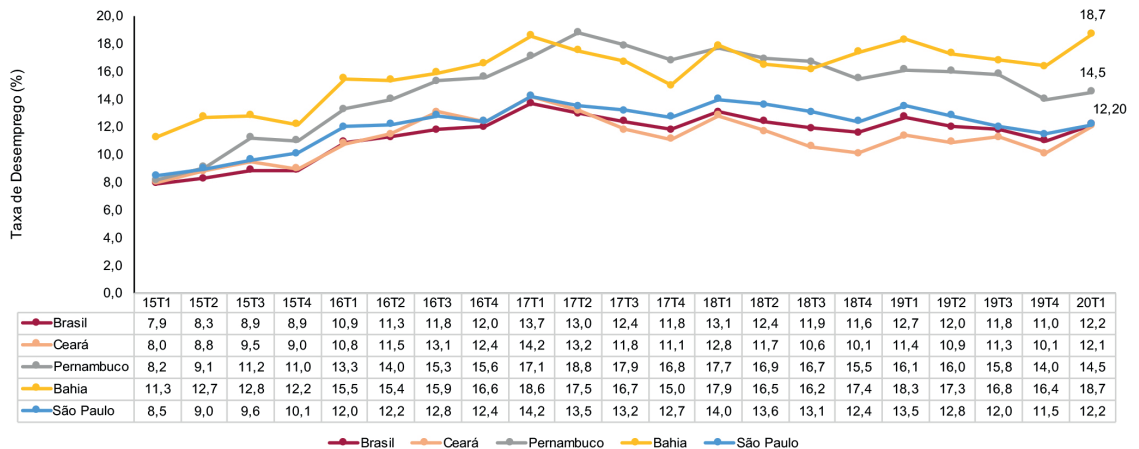
Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Variação do acumulado de janeiro/2020 a março/2020 em comparação com o acumulado para o mesmo período de 2019.

3. O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL E ESTADOS SELECIONADOS

Em face das medidas estatais tomadas contra a pandemia de COVID-19, houve aumento no desemprego entre as pessoas de 14 anos ou mais de idade no primeiro trimestre de 2020, como ilustrado no Gráfico 3. O gráfico detalha a evolução da taxa de desemprego nas principais economias da região nordeste, os estados da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, assim como detalha a evolução da taxa no estado de São Paulo e no Brasil inteiro. Em São Paulo, a taxa de desemprego subiu 0,7 ponto percentual, na passagem do quarto trimestre de 2019 para o primeiro trimestre de 2020, indo de 11,5% para 12,2%. Já nos principais estados do nordeste, a taxa de desemprego no estado da Bahia foi de 16,4% para 18,7%, em Pernambuco a taxa subiu de 14,0% para 14,5% e no estado do Ceará a taxa de desemprego subiu 2 pontos percentuais, indo de 10,1% para 12,1%. Quanto ao Brasil inteiro, o desemprego subiu 2,2 pontos percentuais, passando de 11,0% para 12,2%.

Gráfico 3 - Taxa de desemprego (%), na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade



Fonte: IBGE/PNAD contínua do 1º trimestre de 2020. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

4. O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL E ESTADOS SELECIONADOS

Quanto aos dados do comércio exterior divulgados pelo MDIC/SECEX, de acordo com a Tabela 5, no primeiro trimestre de 2020, em comparação com o mesmo período do ano passado, o país registrou uma queda de 4,1% das exportações e um aumento na ordem de 4,3% em suas importações, e apesar destes resultados, o saldo da balança comercial se manteve positivo, registrando aproximadamente US\$ 5,0 bilhões, porém este valor representou uma queda de 43,5% em relação ao primeiro trimestre de 2019. Já entre os estados analisados, o Ceará foi o único com variação negativa para exportações e importações no período, quedas de 0,6% e 31% respectivamente. Como o volume de importações do Ceará foi bem maior que o volume de exportações, o resultando foi um saldo negativo na balança comercial, porém um valor menor que o saldo também negativo da balança comercial do vizinho Pernambuco. Como expoente maior da economia do Brasil, o estado de São Paulo também apresentou variação negativa das exportações no período, registrando um déficit na balança comercial para o período superior a US\$ 4 bilhões, o que equivale a uma queda de 47% em relação ao primeiro trimestre de 2019.

Tabela 5 – Volume de exportações, importações e saldo da balança comercial (R\$ milhões) – 1º trimestre de 2020 – Brasil e Estados selecionados (*)

Brasil / Estados	Exportações		Importações		Saldo	
	US\$ Milhões	Var% 20T1/19T1	US\$ Milhões	Var% 20T1/19T1	US\$ Milhões	Var% 20T1/19T1
Brasil	49.049	-4,1,%	43.950	4,29%	5.099,4	-43,5,%
Ceará	555,4	-0,6,%	848,5	-31,0,%	-293,1	-56,3,%
Pernambuco	443,1	55,20%	863,1	82,32%	-419,9	123,52%
Bahia	1.936,5	9,33%	1.436,0	-27,6,%	500,5	-170,6,%
São Paulo	10.115,1	-10,5,%	14.258,8	0,54%	-4.143,7	-47,0,%

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Variação do acumulado de janeiro/2020 a março/2020 em comparação com o acumulado para o mesmo período de 2019.

Autores:

Allan Victor Vilela Silva
Alysson Inácio de Oliveira
Caio Eduardo Silveira Gomes
Catherine dos Santos Rodrigues
Daniele Fernandes de Albuquerque
Fabio Mesquita Torres
Halina Lima Batista de Sousa
Ingrid Monteiro Cordeiro
Iury Lima Procopio
João Gabriel Pessoa Cabral Almeida
Lucas Santos de Oliveira
Marcos Chaves Machado
Mateus Pereira de Almeida
Matheus Teixeira Fialho
Max William Oliveira da Veiga Pessoa
Pedro Costa de Castro Ivo
Rherison Sabino Coelho

